11-08-2025

ERGONOMIA DA BOCA TORTA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Uma noite de lua insone, com os olhos acesos e sem sonho para dormir, liguei a TV num canal qualquer. Num programa de madrugada, meio estranha e condizente com a minha situação insone, uma repórter alegre e espontânea entrevistou um odontólogo inteligente. O doutor de dentes disse na entrevista algo assim: "*Noventa por cento dos brasileiros possuem a boca torta*". No momento, sem tempo para praticar uma filosofia de boca torta, ri desse caso estrutural e estruturante da sociedade brasileira.

Ri, lógico, com a minha boca torta. No outro dia, descabelado e de prumo torto - na boca e na vida - saí às ruas para averiguar se a informação do odontólogo era congruente e veraz. Meus olhos carregavam uma pergunta: "*Somos mesmo, os brasileiros, um povo de boca torta?*" Tive o primeiro contato com uma mãe apressada. Ela levava a sua filhinha à escola. A boca dessa mãe, com o lábio inferior debruçado sobre a mandíbula e o lábio superior erodido com curva desproporcional no lado direito, era torta, explicitamente torta, visivelmente torta. Segui andando.

Na padaria, onde parei para dar continuidade à pesquisa, deparei-me com um vendedor. O vendedor esbanjava uma simpatia agitada. Os seus cabelos em caracóis de Veloso corriam mundos mediante o toque do vento. A sua testa pareceu-me fluente como os seus olhos. O nariz adunco, peça central do seu teatro gestual, como uma breve montanha sonolenta, separava as maçãs de rosto em que o lado esquerdo e direito pareciam não se comunicar. Abaixo, a boca, pronta para o riso perfeito, tinha a forma imperfeita com inclinação torta no canto esquerdo. A pesquisa andava sob o sol e o vento. Chegou à padaria um senhor de nome Alburqueque Frondoso. Isso foi o que me disseram. Antes de pedir o pão diário e insubstituível, o senhor Alburqueque saudou a todos com um bom-dia humilde e compassado. Nem lhe respondi, pois a minha zona de interesse era a boca, a sua boca. Que saibam: nenhum investigador dessa causa necessitaria de régua, compasso, linha e GPS [Global Positioning System - Sistema de Posicionamento Global]. Alburqueque, ao falar, mostrava um relevo bocal de ângulos cruzados e oscilantes. A sua boca era torta, mas devidamente altiva para a consecução do ato jubiloso de encontrar os outros nesse país de boca torta. Senti que não havia mais a necessidade de perscrutar bocas no Brasil. Nesse estrito caso, eu imaginei o seguinte: a métrica abraça a verdade e a verdade pede para ser interrogada: Por que o Brasil é um país de boca torta?

..... Pois bem! .....

Outro dia estava na casa do médico, poeta e militante da Saúde do Trabalhador, Luiz Carlos Fadel, em Copacabana-RJ. A sua casa havia se transformado num laboratório vivo da Saúde do Trabalhador e num salão permanente de festa e oficina de criação poética. No momento em que olhava a protuberância do morro de São João, com os pés descalços, lhe ministrava uma aula de medicina solar. Foi quando lhe passei a informação: O BRASIL É UM PAÍS DE BOCA TORTA. No primeiro momento da escuta, Fadel sorriu e ficou admirado com esse fato revelador:

O BRASIL É UM PAÍS DE BOCA TORTA.

Depois, pensou um pouco e me redarguiu dizendo que todas as bocas são anatomicamente tortas, fisiologicamente curvadas, poeticamente tortas. Eu atravessei o seu argumento e lhe pedi para que tirasse da conta universal, as bocas de Brigitte Bardot e Ana Paula Arósio. Fadel agiu com rapidez e recobrou as aulas e as palestras de Renato Bonfatti, estudioso de ergonomia. Com força sintética, fez pousar no momento a síntese: a postura do corpo e a sua morfologia se assentam na genética para sofrer, ao mesmo tempo, as determinações sociais das classes. Seguiu argumentando que a ergonomia tem no trabalho a sua força motriz e na exploração do trabalhador a sua consecução violenta. Foi isso que certa vez, com o Coró (Ricardo Assis) andando em Trindade-GO, comprovamos. Saímos às ruas num domingo para fotografar camponeses que caminhavam em direção à Igreja Nova. Nos impressionamos com o corpo arcado dos camponeses e com a beleza de seus chapéus dadivosos. Sabíamos que, subjacente às fotografias, existia o fundamento histórico da constituição de Goiás e do país. De maneira intermitente, Ricardo Assis faz isso em sua terra natal. Aos sábados e aos domingos, em visita ao Distrito Santa Rosa dos Dourados, município de Coromandel-MG, frente ao Empório de Maria, se ocupa em fotografar camponeses que, para a graça da vida e para o exorcizar a-vida-danada, pedem uma cachaça. Outra. Outra. Nos impressionamos com o arqueamento dos corpos de velhos camponeses, tanto os de Trindade-GO, quanto os de Santa Rosa dos Dourados-MG. Esse tipo de ergonomia não possui dificuldade de explicar: camponeses possuem a ergonomia criada pela enxada. Também não é difícil de entender que no arqueamento da coluna vertebral de camponeses se situa a determinação do modelo de acumulação da troca simples. ..... Se o latifúndio dobra a coluna e a enxada efetiva o seu arqueamento, o mesmo ocorre com a boca dos brasileiros. A boca é uma revelação histórica do país. O que eu e o Fadel temos tentado refletir a partir da premissa de que "*o corpo é a casa da vida inteira*" e ele não se ausenta da formação socioespacial brasileira recai na moral dessa história: é na arquitetura e na ergonomia tortas da vida que se monta o baile do brasileiro. Que Garrincha nos sirva de alerta: a vida torta é, também, a mãe da graça. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.